

ENTREVISTA DO SEGUNDO

Cacau Protásio / ATRIZ

Ela está em quatro filmes inéditos, prepara stand-up sobre casamento, conta como combatia o bullying na infância e revela traumas após os ataques racistas e gordofóbicos que sofreu recentemente: 'Tenho a sensação de estar sendo seguida'



Representatividade.
Cacau Protásio: "Quando vi Whoopi Goldberg e Queen Latifah, negras e gordas, pensei: 'Eu posso'"

'NÃO ENTENDO TANTO ÓDIO POR CAUSA DE UMA COR DE PELE'

MARIA FORTUNA
maia@laranfeira.com.br

Todas as manequins da loja de roupas de Cacau Protásio, na Barra, são negras. Para a atriz de 44 anos, que cresceu numa época em não havia boneca preta, representatividade é tudo.

— Quando vi Whoopi Goldberg e Queen Latifah, negras e gordas, pensei: "eu posso".

Para suas clientes, mulheres que vestem de 44 a 58, também. Em breve, Cacau abrirá a terceira loja.

— É difícil encontrar roupa de gordinha que não pareça capa de bujão, né? —

diz ela, que usa manequim 52 e tem 1,70m de altura.

A carreira de atriz também vai bem. Ela dá um beijinho no ombro e conta que estará em quatro filmes em 2020: "A sogra perfeita" (de Cris D'Amato), "Canta pra subir" (de Caroline Fioratti), "No gôgô do Paulinho" (de Roberto Santucci) e "Juntos e enrolados" (de Eduardo Vaisman e Rodrigo Van der Put).

Em novembro, Cacau filmava uma cena do último, no quartel do Corpo de Bombeiros do Rio, quando sofreu ataques racistas e gordofóbicos. As ofensas, atribuídas a um bombeiro e registradas pelo próprio agressor, circularam online.

— É difícil encontrar roupa de gordinha que não pareça capa de bujão, né? — Não que antes tenha sido fácil. Cacau era criança quando

o bullying não era problematizado e antes da criação da lei 7.716, de 1989, que tornou racismo crime inafiançável.

— Sempre venci na porrada. Tinha medo do meu tamanho — diz Cacau, criada na Tijuca pela mãe costureira ao lado da irmã, que abriu mão da faculdade para ajudá-la a pagar sua formação de atriz, na Casa das Artes de Laranjeiras.

Desta vez, no entanto, a atriz perdeu o chão. Se trançou em casa, quase desistiu do filme. Com o apoio do marido, da equipe do longa e da terapia, reagiu. Mas ainda tem crises de choro e a sensação de ser perseguida, como conta a seguir.

Em "Juntos e misturados", você e Rafael Portugal vivem uma noiva mandona e um noivo ingênuo. São traços que vocês possuem, né?

Sim. Tenho gênio forte, Rafa é meigo. Vivemos muita química, vamos até fazer um stand-up de casamento, assunto que todo mundo ama, né? Eu amo, vou fazer festa para renovar votos (ela é casada com o fotógrafo Janderson Pires há cinco anos).

Que personagem sonha em interpretar?

Quero fazer um drama pesado, sofrer e chorar muito.

Você acabou indo para o humor...

Meus amigos sempre disseram que sou engraçada, mas nunca me achei. Sou tímida, tenho dificuldade em receber elogio. Mas humor é catártico, a gente brinca com defeitos, neuras. Brinco com meu tamanho, uso a meu favor. No "Vai que cola", sento na cadeira e levanto de maneira que ela fica presa no meu quadril. Extravaso, faço coisas que, normalmente, não tenho coragem, como usar as roupas coladas da Terezinha...

Qual a importância de fazer Terezinha, fora dos padrões de beleza vigentes, mas com uma autoestima elevadíssima?

Assim como o mundo tem o padrão do corpo 36, eu construí na cabeça que roupa colada é para mulher magra. Cresci ouvindo que era gorda, que meu corpo estava errado. Depois que comecei a fazer a Terezinha, me dizem na rua "você me fez enxergar que sou bonita". Quando olham para a Terezinha, se identificam. Uma vez, fui comprar roupa para a personagem e as clientes compararam igual.

Você também questionou estereótipos ao interpretar Branca de Neve no teatro?

depois encamã-la no desfile na União da Ilha, em 2015...

Tenho até vontade de chorar (chora). Foi espetacular! Eu passava na Avenida, e as pessoas se emocionavam. Era criança chorando, adulto gritando que eu estava linda. Viam que podiam também ser Branca de Neve. Quando era criança, não tinha uma princesa negra.

No entanto, as agressões que você sofreu no quartel de bombeiros em novembro mostram que o preconceito está longe de ser velado.

A gente sempre soube que o Brasil era racista, mas achávamos que nosso lugar era aquele mesmo, de aceitar. Hoje, não nos calamos mais. Temos uma lei que nos protege, um mundo que nos ouve. Não imaginava o quanto era querida. As pessoas me abraçam na rua. É uma situação frequente, mas nem todos têm a oportunidade de falar. O que aconteceu dá aos outros coragem pra falar "viu a Cacau? Vou denunciar, hein?".

O que sentiu ao ouvir o áudio com os xingamentos?

Quando soube, pensei "vou ficar mais famosa ainda". Mas ao ouvir, me senti a pior pessoa do mundo, acreditei em tudo que ele estava falando. Não queria mais trabalhar, ver gente, pensei em desistir do filme. Ai veio a coisa de que eu tinha que me posicionar. Não imaginava que meu vídeo fosse repercutir tanto, dar um "se liga" nas pessoas. Até aquele que é preconceituoso pensará duas vezes antes de fazer algo. Não consigo entender por que tanto ódio por causa de uma cor de pele.

É verdade que, ao registrar a queixa do caso, ficou preso no elevador da delegacia e foi salvo por um bombeiro?

Sim. Quando disseram que chamariam o bombeiro, me deu pânico. Pensei: "Esse cara não vai me salvar". Eu fiz a denúncia e espero a Justiça. Me chamaram para depor, mas não tenho condição emocional de ver bombeiro agora.

Ficou um trauma... Como está se tratando?

Tenho crises de choro toda hora. Aumentei a terapia de uma para três vezes na semana. Estou panicaada mesmo. Acho que tem alguém pulando o muro da minha casa, parei de dirigir porque sentia que estavam me seguindo. Só consegui terminar o filme porque tive apoio dos colegas (chora). Pelo menos, as pessoas estão curiosas para ver a cena do bombeiro e vamos ganhar bilheteria (risos).

O jornalista Gilberto Porcidonio fez um tweet com uma pergunta que faça a você: se o racismo acabasse hoje, o que você faria?

Iria trabalhar de babydoll. A Bruna Marquizeine saiu de pijama e a acharam linda e maravilhosa, né? Realmente estava. Mas se eu fizesse a mesma coisa também achariam? Todo dia temos que provar que somos bons, inteligentes e temos caráter. Tudo por causa de uma cor de pele.



"(Se o racismo acabasse hoje) eu iria trabalhar de baby doll. A Bruna Marquizeine saiu de pijama e a acharam linda e maravilhosa, né? Mas se eu fizesse a mesma coisa também achariam? Todo dia temos que provar que somos bons, inteligentes e temos caráter"